

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

**III SIMPÓSIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM LETRAS CLÁSSICAS
(SICLC-FFLCH-USP)**

Caderno de Resumos

Comissão organizadora

:

Gaya de Castro Cunha
Prof^a Dr^a Giuliana Ragusa (USP)
Prof^o Dr^o José Marcos Mariani de Macedo (USP)
Me. Juarez Oliveira (USP)
Michele da Silva Soares
Ma. Thais Rocha (USP)

São Paulo
2022

SEGUNDA-FEIRA (08.08)

14H – Abertura: “A IC nos Estudos Clássicos” — Prof^a Dr^a Giuliana Ragusa (USP), atual coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas vinculado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV-USP).

14H20 – Mesa 1: Poesia Homérica (Moderadora: Paloma Betini)

Everton de Azevedo (comunicador), Luise Marion Frenkel (orientadora), USP.
Oralidade, transmissão e recepção dos textos homéricos

A abordagem oralista mudou a natureza do debate sobre a “Questão homérica”, no qual, até os trabalhos de M. Parry e A. Lord na extinta Iugoslávia, podem ser identificadas duas correntes críticas, a saber, os chamados “analistas”, de um lado, e os chamados “unitaristas”, de outro. Mais precisamente, a “Questão homérica” diz respeito às dúvidas sobre como e por quem a *Iliada* e a *Odisseia* foram compostas, registradas e preservadas, se um único poeta ou editor ou mais de um participou desses processos, se “Homero” de fato existiu ou não e de quais obras seria “autor”. Algumas das pesquisas mais recentes, e.g. J. Ready, sublinham a longa história dos poemas, que seriam compostos em performance por poetas itinerantes, antes da emergência de textos escritos padronizados. Quanto mais próximo se chega às fontes antigas, mais esvaecida fica a ideia moderna de “texto” e sobretudo de “original”, porque os papiros ptolemaicos revelam o caráter multiforme dos textos homéricos. A partir dos papiros, pode-se inferir algo sobre os métodos e relevância do que faziam os gramáticos alexandrinos, entre outros Aristarco da Samotrácia, cuja edição é interpretada, e.g. por G. Nagy, como um ‘estágio’ de cristalização na transmissão textual. Para a cadeia dos oralistas, a frequência de variações é um sintoma ou reflexo da poesia oral. Nesse sentido, cada performance seria um “original”.

Felipe Augusto Da Silva Calado (comunicador), José Antonio Alves Torrano (orientador), USP.

Teoantropologia: a autorrepresentação do homem na Iliada

O objetivo do projeto é investigar na *Iliada* o que as representações homéricas das relações entre mortais e imortais podem informar a respeito do modo pelo qual o homem homérico pensava a si mesmo. O *corpus* é composto pelos episódios que narram as intervenções da Deusa Atena junto aos mortais. Na análise desses episódios, os principais objetos são os termos homéricos empregados em trechos-chave e as sobreposições de imagens evocadas na narrativa. São duas as principais hipóteses adotadas e adaptadas ao escopo deste projeto, ambas extraídas da obra do Professor JAA Torrano. Na primeira hipótese, supõe-se a existência de uma correspondência entre os aspectos fundamentais do mundo homérico e a noção de Deus(es), tal qual estes são representados na obra. E a segunda hipótese presume que haja na modalidade de pensamento mítico expressa por Homero um nexos necessário entre as noções de verdade, conhecimento e ser. Até o presente momento os resultados obtidos por meio dessa investigação não foram suficientes para a verificação das duas hipóteses adotadas.

15H30 – Mesa 2: Épica, Lírica e Mito (Moderador: Tiago Bentivoglio)

Lívia Mathilde Ruiz Cruz (comunicadora), Giuliana Ragusa (orientadora), USP.

A imagem das Musas na poesia mélica e hexamétrica

A pluralidade da imagem das Musas na Grécia arcaica (c. 800-480 a.C.) se dá pela personificação da inspiração intelectual concernente a todas as esferas de conhecimento, seja filosófica, religiosa ou poética. A flexibilidade de sua representação abre as portas para uma discussão interdisciplinar – nesta comunicação, no entanto, será tratada a figura das Musas na tradição mélica e hexamétrica e a forma como os elementos característicos das divindades são traduzidos na cultura da oralidade do período. Em razão disso, levar-se-á em conta o modo como elas se manifestam em cada poesia, sobretudo no que tange às particularidades de performance, métrica e conteúdo de cada canção. Espera-se, portanto, apresentar, resumidamente, os seus aspectos pragmáticos e míticos e, assim, esboçar um retrato multifacetado das Musas.

Juliana Nascimento Pírcio (comunicadora), Giuliana Ragusa (orientadora), USP.

A “canção de Lille”: diálogos entre Estesícoro e o corpus poético arcaico

Estesícoro (Himera, c. 632-553 a.C.) diferencia-se dos demais poetas mélicos pela produção de canções de matéria exclusivamente mítica. Essas canções integram o subgênero da mélica narrativa-epicizante, cujo corpus preservado pertence unicamente ao poeta magno-grego. O Fragmento 222b (97 na edição de Davies e Finglass, 2014) é a canção mais bem preservada de Estesícoro e dentre os seus poucos mais de 300 versos, 33 conservam o discurso da Rainha tebana, cujo nome não aparece no papiro, ao adivinho Tirésias. Esse trecho carrega um forte páthos (“sofrimento”) entrelaçado à narrativa que remonta aos poemas do Ciclo Épico, características da mélica de Estesícoro, que, recentemente, tem impulsionado muitos trabalhos sobre as suas canções. Na maioria dos casos, porém, os estudos direcionam-se para estabelecer uma ligação entre o poeta magno-grego e o gênero trágico, principalmente quando se trata das suas estruturas narrativas e do tratamento da matéria mítica. Em vista disso, essa comunicação propõe colocar em diálogo o Fr. 222b de Estesícoro com as fontes poéticas da Grécia Arcaica que abarcam o Ciclo mítico tebano.

Maria Cristina S. Vargas (comunicadora), Giuliana Ragusa (orientadora), USP.

A morte nos trenos de Simonides e Píndaro

Esta pesquisa realizou, apoiando-se em aspectos poéticos, socioculturais e históricos, uma análise da morte na mélica arcaica, sobretudo os trenos dos poetas Simônides (ilha de Ceos, c. 556-468 a.C.) e Píndaro (Tebas, c. 518-446 a.C.). Após a escolha do treno para este estudo, enfocamos o estudo bibliográfico sobre o gênero mélico, sobre a morte, religião grega, sobretudo o ritual fúnebre, e também o contexto sociocultural e histórico do período. Num segundo momento, iniciamos as análises dos fragmentos, sendo estes 28, apoiados em estudos já feitos para alguns deles e produzindo traduções para o português, quando necessário.

Mikael Marmorato Ferraz Alvim Mühlfarth (comunicador), Giuliana Ragusa (orientadora), USP.

Eurípides e os fragmentos de tragédia sobre o ciclo mítico troiano

O projeto de iniciação científica centrou-se na tradução, estudo e produção de comentários a doze tragédias em estado fragmentário do poeta grego Eurípides (c. 480 - 406 a.C.). São elas: *Alexandre, Belerofonte, Tiestes, As Cretenses, Eneu, Palamedes, Peleu, Protesilau, Esquírios, Télefo, Filoctetes e Fênix*. A comunicação abordará o processo de estudo e tradução dos fragmentos de cada tragédia e seus resultados, bem como detalhes importantes sobre o corpus e como ele se relaciona com outras obras da literatura grega antiga.

TERÇA-FEIRA (09.08)

14H – Mesa 3: Estudos de Gênero (Moderadora Thais Rocha)

Emily Sanches Almeida De Sousa (comunicadora), Camila Condilo (orientadora), UnB.
A mulher em Homero e a conexão entre casamento, rapto e estupro

Apesar de sua narrativa ser dominada pelo heroísmo masculino, as famosas obras de Homero (*Ilíada* e *Odisseia*) possuem uma significativa presença de mulheres. Sua circulação e a violação de seus corpos e de sua liberdade é uma constante importante para a jornada dos personagens e para o desenrolar da história. Nesse contexto, três categorias se mostram essenciais para o entendimento dessas violações: o casamento, o rapto e o estupro. Se tratam de ocorrências cuja correlação é notória e importante para o seu entendimento, mas mesmo assim essa conexão aparenta não ter sido discutida na historiografia sobre Homero ou até mesmo na historiografia sobre a sociedade grega como um todo. Portanto, nesta comunicação pretende-se explorar essas questões a partir de um estudo de caso sobre as mulheres em Homero, cujos poemas se mostram uma fonte profícua para entender o estupro, o rapto e suas conexões com o casamento.

Pedro Henrique Sierra Taveira (comunicador), Giuliana Ragusa (orientadora), USP.
Entre stásis, thérsois e éros: a identidade masculina aristocrática na mélica de Alceu

Esta comunicação visa a apresentar os ecos do mundo aristocrático masculino nos fragmentos mélicos de Alceu (c. 630 – 580 a.C.). Sabendo que essas canções apresentam-se intrinsecamente relacionadas à pólis de Mitilene, na Ilha de Lesbos, entre os séculos VII e VI a. C. – um período de grande conturbação política e notável produção poética –, tem-se um rico cenário histórico-cultural para que se investigue a identidade masculina aristocrática grega arcaica sob seus três principais aspectos constitutivos: (1) política, (2) guerra e (3) erotismo.

Leticia Rodrigues Ferreira (comunicadora), Paulo Martins (orientador), USP.
A imagem e o mito feminino nas elegias de Propércio

Esta pesquisa ocupou-se em mapear, ler e analisar as imagens dos mitos femininos nas elegias de Propércio. Tendo em vista que tais poemas são escritos na Roma do século I a.C., é nosso papel identificar quem é a mulher dessa poesia, em qual esfera e posição ela atua e qual a função que ela exerce na poesia properciana. Nesse sentido, concentramo-nos na construção retórica que Propércio faz das imagens femininas por meio de citações míticas, que são *exempla* de argumentos defendidos pelo poeta elegíaco na construção (i) dos *éthe* femininos; (ii) da persona de Cíntia; e (iii) de um discurso e de uma poética.

Karolina Mota Gonzaga De Souza (comunicadora), Carlos Renato R. de Jesus (orientador), UEA.

Quando as mulheres não se silenciam: uma análise de Lucrecia e Hannah Baker

Ao longo da literatura universal, a presença da mulher é recorrente ou quase sempre tratada ou retratada de maneira silenciosa ou até mesmo simplista. No que se refere à Antiguidade Clássica, a fim de verificar esse processo, o presente artigo tem como objetivo evidenciar as manifestações da fala feminina como ato político numa análise comparativa entre o mito romano do estupro de Lucrecia, da obra *Ab Vrbe condita libri (História de Roma)*, de Tito Lívio (59 a.C. – 17 d.C.) e o pronunciamento do estupro de Hannah Baker, na série “13 reasons why” (2017). Ao procedermos os estudos críticos, pautados sob a análise literária e psicossocial com base na teoria de Bourdieu (2012 [1988]) e Ribeiro (2017), procuramos evidenciar o momento rompante em que a mulher quebra o silenciamento que lhe é imposto e usa de sua voz para denunciar situações de violência de gênero, silenciamento e a invisibilidade. Os estudos críticos utilizados baseiam-se nas questões sociológicas e históricas ao analisar as manifestações das respectivas personagens. Destacam-se as contribuições de Alves (2018), Barbosa, Manso e Silva (2019), Beard (2018), Boris e Cesído (2007), Dantas (2014), Funari e Garraffoni (2020), Scott (1995) e Perrot (2005).

15H50 – Mesa 4: Representação e Divindade (Moderador: Juarez Oliveira)

Francisco Vargas Reis Lima (comunicador), Luise Marion Frenkel (orientadora), USP.

Ártemis: a deusa em foco

Nesta apresentação, visa-se levantar os processos de caracterização da deusa Ártemis. Para tal, aborda-se o estudo das diferenças e intersecções de uso de epítetos comparando-se as ocorrências epigráficas e arqueológicas dos principais epítetos de Ártemis nos séculos IV a II a.C. e seu uso literário na mesma época. Serão expostos os resultados preliminares de um projeto que expande o estudo realizado em 2021/22 sobre as atividades religiosas gregas referentes a Ártemis Brauronia, Orthía e Agrotera, ocorridas nas regiões da Grécia Central, da Ática, das ilhas Cíclades e do Peloponeso, dentre os séculos V e IV a.C.

Amanda Fabre Nogueira (comunicadora), Giuliana Ragusa (orientadora), USP.

Ártemis e parthenia: representações da deusa como parthenos na poesia hexamétrica grega arcaica

Tendo em vista a pluralidade de representações divinas e tradições míticas na religião não dogmática grega e a importância de Homero e Hesíodo para manter uma certa uniformidade no imaginário grego do ponto de vista da organização da sociedade dos deuses e do plano divino, esta comunicação pretende apresentar a deusa Ártemis na poesia hexamétrica, tendo como foco principal a sua relação com a parthenia. Tal apresentação é um recorte da pesquisa de Iniciação Científica “A representação de Ártemis na poesia hexamétrica: Facetas da deusa virgem” contemplada com bolsa FFLCH que está sendo desenvolvida por mim sob orientação da Profa. Dra. Giuliana Ragusa. Na poesia hexamétrica são contemplados a épica homérica, a poesia hesiódica e os Hinos homéricos, então, o passeio será por passagens de tais poemas, seguindo o recorte específico.

Giovanna Angela Agulha Sarti (comunicadora), Adriane da Silva Duarte (orientadora), USP.

O mito platônico em Apuleio: Eros e Psiquê

O projeto de Iniciação Científica teve como objetivo central a análise do pensamento platônico subjacente a “Cupido e Psiquê”, a mais notória das narrativas inseridas por Apuleio (120-180 e.c.) em *O Asno de Ouro*. Assentado sobre diversas matrizes literárias, iconográficas, míticas e filosóficas, a qualidade suigeneris do conto permite que seja lido até mesmo em separado de seu contexto originário, como um antecessor distante dos Contos de Fadas que acompanham a humanidade desde suas expressões na oralidade até a fixação pelos Irmãos Grimm, contando com diversas leituras desencadeadas em interpretações alegóricas. Contudo, a complexidade da narrativa se desvela em sua verdadeira riqueza junto ao romance em que insere: a jornada de Psiquê toma implicações reais e imediatas para os leitores romanos no contraste com a Odisseia do homem-asno Lúcio - afinal, a personagem representa um dos muitos casos da sabedoria popular que contribuem na educação do homem. Na mesma medida, o conto se beneficia do recorte maior as desventuras do asno, realçando as ramificações do platonismo no desenho de queda e ascensão ao plano divino por meio da disciplina de alma; Eros, Afrodite e Psiquê oferecem correlatos diretos aos diálogos de Fedro e O Banquete, tomando a temática erótica e sua defluência sobre as instâncias da alma enquanto propulsor da busca de conhecimento como temáticas basilares do simbolismo desenvolvido no conto.

Juliana Garcia Villela (comunicadora), Adriane da Silva Duarte (orientadora), USP.
Vênus como síntese de elementos homéricos em A Eneida: helenismo e era augustana

A comunicação que se propõe tem em vista compreender elementos comuns entre as obras homéricas e o poema épico latino escrito por Virgílio, Eneida. O programa poético da épica em questão é apresentado logo em “Canto as armas e o varão” (v. 1, Livro I), uma vez que as armas se referem diretamente à Guerra de Troia, a mais forte no imaginário greco-romano antigo, palco da *Iliada* e “varão” se liga à principal personagem da *Odisseia*, Ulisses nas traduções latinas – primeira palavra deste poema é justamente ándra (ἄνδρα, Od. I.1). Nesse sentido, o foco é perceber como características da personagem Vênus, mãe do herói e protagonista, Eneias, sintetizam essa análise e estudar a complexidade da construção da deusa. Isso a partir de elementos tradicionais de sua caracterização, com base em sua correspondente grega Afrodite, em ambas as composições de referência, contrastados aos aspectos de Tétis e Atena, na *Iliada* e na *Odisseia*, respectivamente. Deve-se ainda percorrer a imagem da deidade enquanto mãe e matrona romana, para além de suas opulências e dons tradicionais. Para isso, visa-se abordar passagens da Eneida com enfoque na Entrevista entre Vênus e Júpiter (vv. 228-295, Livro I) a fim de destacar os elementos acima descritos, bem como aspectos políticos apresentados ao longo da composição e a forma com que o poeta articulou a história de formação de Roma aos grandes feitos dos troianos. Atribuindo grande valor ao Império e legitimando o poder da *gens ilulia*, família do então imperador, Otaviano Augusto, que reivindicava sua descendência a partir de Vênus e Eneias, a partir de seu filho Iulo.

QUARTA-FEIRA (10.08)

14H – Mesa 5: Mito e Comparação (Moderador: Benedito Pina)

Jaqueline Rayane De Moura Lima (comunicadora), Alcione de Albertim (orientadora), UFPB.

O mito do dilúvio, uma comparação

O objetivo do presente trabalho é realizar uma análise comparativa acerca do Mito do Dilúvio, narrado nas *Metamorfoses*, de Ovídio, assim como no *Livro do Gênesis*, e em *Gilgámesh*, de Sin-léqi-unníni. Na narrativa ovidiana, Livro I, versos 253-312, Júpiter, a fim de extinguir a iniquidade da raça humana e a impiedade em relação aos deuses, provoca um dilúvio que a eliminará, restando apenas Deucalião e Pirra, casal cuja piedade garantirá o surgimento de uma nova raça. No dilúvio bíblico, a maldade dos homens os condena, restando apenas Noé, por ser justo, e sua mulher. Na epopeia de *Gilgamesh*, os deuses decidem em assembleia, embora não se saiba o motivo, pelo dilúvio, restando apenas Uta-napíshti e sua mulher, que ganham imortalidade. Assim, partindo do mito ovidiano, propomos analisar os elementos constitutivos das três narrativas, os quais compõem a construção do enredo, considerando, sobretudo, os seus pontos convergentes. Como aporte para esse trabalho, além das obras supracitadas, utilizaremos *Mito e realidade*, de Mircea Eliade, e dicionários para pesquisas, como *Dicionário da mitologia grega e romana* do Pierre Grimal.

Wallacie Alexander Do Prado Pavoski (comunicador), Jane Kelly de Oliveira (orientadora), UEPG.

"Espelhamento negativo": a estrutura mitemática das narrativas com Orfeu e Eurídice

Esta comunicação tem como objetivo apresentar os resultados parciais do primeiro semestre da pesquisa em Iniciação Científica (BIC/UEPG) “Como sobrevive um mito: um estudo dos mitemas presentes nas narrativas com Orfeu e Eurídice”, parte do Projeto de Pesquisa “Literatura clássica grego-romana e sua permanência na modernidade” (Profa. Dra. Jane Kelly de Oliveira - UEPG). O primeiro semestre da pesquisa resultou bastante produtivo, a análise das narrativas com Orfeu e Eurídice nas *Metamorfoses* (X. 1-85), de Ovídio, e nas *Geórgicas* (IV. 453-527), de Virgílio, assim como uma comparação breve com o filme “Orfeu (1999)”, de Cacá Diegues, pode demonstrar como as narrativas com Orfeu e Eurídice assumem uma estrutura narrativa em arco com uma narrativa bipartida em polos positivo e negativo, semelhante a um espelho, onde o ponto focal é a katábasis, “negativando” as categorias estabelecidas anteriormente à katábasis — e.g. o Himeneu de Orfeu e Eurídice e a separação final [+ união/-união]. Esta estrutura espelhada, que nomeamos de “espelhamento negativo” propicia a construção dos sentidos dos textos em todos os níveis, do estético ao ético. Pode-se notar, também, diferenças na forma de utilização dessa estrutura pelos diferentes autores na esfera do conteúdo principalmente, porém, todos parecem utilizar a estrutura mitológica do mito de Orfeu e Eurídice para discutir a função social do (des)comedimento das paixões, em nível mais individual (Ovídio) ou mais social (Virgílio e Cacá Diegues). Convém ressaltar que essa estrutura mitológica, no filme “Orfeu (1999)”, atinge uma força social ainda maior, pois Orfeu assume, pela sua arte, a função de amenizar a violência no morro onde mora, demonstrando como a cultura grego-romana e suas narrativas podem ser diferentemente apropriadas e assimiladas pela contemporaneidade, iluminando e enriquecendo o passado mutuamente ao futuro, em diversos níveis.

Valdinei Tibúrcio de Lima (comunicador), Maria Ozana Lima de Arruda (orientadora), UEA.
Cosmogonia: as narrativas mitológicas greco-romanas e as lendas amazônicas

Como os seres humanos surgimos? Quando? E por quê? Tais questionamentos são inerentes ao pensamento do homem, de maneira que, ao longo dos séculos, reuniu-se uma biblioteca de respostas dadas pela teologia, filosofia, astronomia, física, etc. De modo que, desde o início, a origem de todas as coisas (o universo, o mundo e tudo nele) tem sido objeto de debate com várias teorias para explicar como tudo começou, por que, onde e como. É objeto de estudo dessa pesquisa o que foi produzido sobre a forma de compreender a origem do universo, na mitologia greco-romana e nas narrativas amazônicas. O objetivo do presente projeto é examinar, por meio de comparações, as narrativas mitológicas da gregas e romanas e as lendas amazônicas, identificando e assimilando as relações entre duas culturas separadas por tão longo espaço e tempo. Com a finalidade de alcançar tal objetivo, seguiremos sobretudo com o método de pesquisa bibliográfica, estudando obras cujos temas concernem à cosmogonia na literatura greco-romana, como a *Teogonia* de Hesíodo e as *Metamorfoses* de Ovídio. No tocante às lendas amazônicas, além de pesquisas bibliográficas de obras que já abordaram a temática, haverá ainda investigações para registro de narrativas que versam sobre a origem do universo, sobretudo da região do Médio Rio Solimões. O projeto tem previsão de início para agosto de 2022 e faz parte do Programa de apoio à Iniciação Científica do Amazonas (PAIC) e recebe financiamento, por meio de bolsa, da Fundação de amparo à pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

Hillary Bruna De Souza Dos Santos (comunicadora), Maria Ozana Lima de Arruda (orientadora), UEA.
Histórias de amor: as narrativas mitológicas greco-romanas e as lendas amazônicas

O amor, esse sentimento inexplicável e completamente indefinido ao qual encanta em qualquer gênero textual até mesmo na atualidade. As narrativas que permeiam esse sentimento são as mais encantadoras, ultrapassando gerações e perpassando por diversas culturas ao longo de nossa história. Diante disso, o presente projeto aspira analisar e comparar as narrativas românticas de duas culturas distintas: a greco-romana e a amazônica. Quais semelhanças partilham? Além disso, o que acontece quando uma força maior se coloca entre a pessoa que ama e a que é amada? Quais consequências um amor não correspondido pode trazer? Talvez até abandonarem seu próprio corpo para salvar-se das garras desse amor enlouquecido. O ser humano apaixonado é capaz de cometer as maiores loucuras em nome do amor e desencadear transformações não somente em si, mas também em quem é amado, mas isso poderia acontecer em qualquer tempo e espaço? Ou culturas tão diferentes e em épocas completamente distantes poderia afetar o modo com que o amor irá afetar o ser? Essas e outras perguntas devem ser respondidas através dos estudos de literatura clássica, com o método de pesquisa bibliográfico, buscando respostas em obras literárias mitológicas como a *Teogonia* de Hesíodo, os *Hinos Homéricos* e as *Metamorfoses* de Ovídio, além é claro, das obras com enfoque nas lendas amazônicas. O projeto tem previsão de início para agosto de 2022 e faz parte do Programa de apoio à Iniciação Científica do Amazonas (PAIC) e recebe financiamento, por meio de bolsa, da Fundação de amparo à pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

15H50 – Mesa 6: Recepções Modernas da Antiguidade (Moderadora: Samea Ghandour)

Isabella Da Rocha Silva (comunicadora), Breno Battistin Sebastiani (orientador), USP.
Entre o divino e o profano: representações dos sonhos nas narrativas de Heródoto e Carlo Ginzburg

Tomando como estrutura basilar a obra *Os Andarilhos do Bem* (1966) de Carlo Ginzburg e os passos envolvendo Astíages e Ciro (Hdt.1.107-130) e Artábano e Xerxes (Hdt.7.8-19; ed. Wilson — HERODOTI, 2015), este projeto pretende desenvolver primeiramente uma análise comparativa sobre a forma como o elemento do sonho aparece e é tratado por cada um dos historiadores, considerando ainda não só a relevância desses sonhos na cultura em que os personagens das narrativas de Heródoto e Carlo Ginzburg estão inseridos, mas também o modo distinto de interpretar essas manifestações, o qual contribuiu para delegar ao elemento onírico diversos papéis ao longo da História. Num segundo momento, e como objetivo maior, este projeto investigará a possibilidade de estender uma hipótese de Ginzburg também para a narrativa de Heródoto. Para Ginzburg, os sonhos dos camponeses do Friuli são, ao mesmo tempo, fenômenos subjetivos, isto é, íntimos e característicos de cada indivíduo, mas também manifestações dos mais variados anseios coletivos – medo da escassez, desejo de boas colheitas, saudade dos entes queridos que já partiram etc (GINZBURG, 1966). Buscamos, por outras palavras, verificar se e como essa hipótese pode ser aplicada também ao imaginário grego da antiguidade, sobretudo nas narrativas de Heródoto especificadas no parágrafo anterior e que formam um dos termos da análise comparativa proposta por este projeto.

Luciane Delurdes Streit (comunicadora), Daniel Rossi Nunes Lopes (orientador), USP.
A recepção de Antígona de Sófocles por Jacques Lacan: a tragédia grega e a ética do sujeito

Em seu *Seminário 7*, Jacques Lacan propõe-se a discutir a ética da psicanálise, apresentando como paradigma de sua ética, não um referencial filosófico, mas a tragédia *Antígona*, de Sófocles. A proposta de nossa pesquisa pretende trabalhar o tema a partir da teoria dos estudos de recepção dos clássicos, pois esta teoria nos permite analisar o texto em relação com seus contextos socioculturais e históricos, considerando suas leituras anteriores. Pelo estudo de comentadores helenistas que também fazem uma leitura psicanalítica de *Antígona*, pretendemos levantar os conceitos centrais usados por Lacan e o movimento feito pelo autor entre o texto clássico e a psicanálise. Uma das muitas riquezas apontadas no texto de Sófocles é a constante ambiguidade e jogos de opostos, que permitem múltiplas e complexas interpretações. *Antígona* já serviu de referencial para discussões sobre lei e justiça, conflitos religiosos e política, papel das mulheres na sociedade e na política, além de reflexões sobre a condição humana. Nessa multiplicidade de discussões, pretendemos compreender como Lacan se apropria de *Antígona*, ligando-a a questões éticas do pensamento psicanalítico, pois para ele tanto a tragédia quanto a psicanálise enfocam problemas intratáveis do desejo humano. Acreditamos que, mediante os Estudos de Recepção, podemos ter um olhar sobre a leitura de Lacan que não esteja comprometido apenas com a filosofia ou a psicanálise. Dessa maneira, nosso objetivo será i) analisarmos a recepção de *Antígona* por Lacan, observando em que pontos sua interpretação se diferencia e/ou se aproxima das leituras realizadas no âmbito dos Estudos Clássicos; ii) como sua recepção se relaciona com alguns dos principais comentadores anteriores e como ele se apropria da obra dentro da teoria psicanalítica; iii) qual a contribuição da recepção de *Antígona* por Lacan para a compreensão da obra na atualidade e que limites ele pode ter atravessado.

Mariana De Bona Santos (comunicadora), Jane Kelly de Oliveira (orientadora), UEPG.
Recepção da tragédia grega antiga no romance moderno Lavoura Arcaica, de Raduan Nassar

Nessa comunicação, apresentaremos alguns resultados parciais da pesquisa de Iniciação Científica em desenvolvimento na UEPG. Para essa apresentação, partimos dos escritos de Aristóteles na *Poética* sobre o enredo, entendido como parte estruturante do Mythos na tragédia grega clássica, para demonstrar como a recepção desse gênero dramático está presente na obra *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar (1975). Os principais pontos de análise são partes que contemplam o enredo trágico, a saber, o reconhecimento, a peripécia e o patético advindo da organização das ações. Entendemos que a estrutura da narrativa desse romance moderno de Nassar está organizada de forma a prever as partes do enredo citadas acima. Assim, é possível apontar semelhanças entre *Lavoura Arcaica* e uma estrutura trágica grega, tanto no enredo - como um conflito familiar e afastamento do protagonista de sua casa, como acontece em *Édipo Rei*, de Sófocles. Ao discorrer sobre tais semelhanças, levaremos também em consideração a área crítico-teórica da Recepção dos Clássicos.

Dáleth Da Silva Costa (comunicador), Beethoven Barreto Alvarez (orientador), UFF.
Neo-mitologismo e os super-heróis do cinema: deuses na Liga da Justiça de Zack Snyder

Nos últimos vinte anos, os filmes de super-heróis têm assumido protagonismo nas bilheterias e no gosto do grande público. Em 2021, foi a vez de Zack Snyder's Justice League, cujo material é uma reconstrução do filme que fora lançado originalmente em 2017 com direção de Joss Whedon. O diretor Zack Snyder e o roteirista Chris Terrio apontaram que sua obra filmica estava permeada por uma nova mitologia, a "mitologia dos super-heróis". Tal apontamento nos leva aos seguintes questionamentos: em que medida as histórias de super-heróis em filmes contemporâneos refletem alguma mitologia? Qual sua relação com a mitologia clássica? Como o cinema reinventa o passado mitológico e cria novas narrativas mitologizantes? Esta apresentação partirá do conceito Winkleriano de neo-mitologismo e terá como apoio metodológico a *filmo-filologia* como apresentada pelo estudioso (WINKLER, 2005, 2009 e 2020). Propondo-me a discutir como a mitologia antiga está sendo retrabalhada na indústria hollywoodiana em filmes de super-heróis da DC Comics, nesta comunicação, em particular, apresento análises preliminares de uma das primeiras cenas do filme na qual se apresenta a Mulher- Maravilha, personagem cuja história faz referência direta ao mito das Amazonas. Na cena em questão, a super-heroína ainda aparece em cima da estátua da deusa "Thémis". Observando o uso também da linguagem cinematográfica, discutirei como elementos da mitologia grega são retrabalhados no filme com fins muito particulares e refletem uma dimensão estética própria do diretor.

QUINTA-FEIRA (11.08)

14H – Mesa 7: Prosa e Retórica (Moderador: Ricardo Tieri Brito)

Natalia Miranda Fernandes Da Silva (comunicadora), Waldir Beividas (orientador), USP.
Ethos e persuasão: uma análise da retórica judicial em Édipo Rei

A pesquisa propõe analisar dois embates verbais presentes em *Édipo Rei* de Sófocles com o intuito de observar e descrever de que maneira o caráter (*ethos*) dos oradores é projetado nos discursos como estratégia de persuasão. Para tanto, servirá de suporte teórico primordial a *Retórica* de Aristóteles, em especial as considerações feitas sobre o gênero judicial, as virtudes e os vícios; mostrar-se-á que estes dois últimos elementos podem ser verdadeiros sustentáculos na construção de um discurso judicial, uma vez capazes de projetar a imagem do orador e, conseqüentemente, conferir maior credibilidade à causa defendida.

Allan Moraes (comunicador), Breno Battistin Sebastiani (orientador), USP.
Platonistas nos céus, epicuristas na terra, estoicos no mar: engajamento, escapismo e utopias políticas

Meu artigo analisa os temas de engajamento político, escapismo e utopias políticas na antiguidade grega abordando três escolas de pensamento : 1. platonismo (e sua ênfase no engajamento político); 2. epicurismo (e seus exemplos de escapismo político), e 3. estoicismo (exemplo de utopias políticas). Como comentadores principais, foram usadas as análises de Ferguson (1975), Peter Green (1990) e Roskam (2007), entre outras, mais traduções de trechos de autores gregos que julguei significativas no contexto da análise e da discussão. A proposta não busca congelar os comentários sobre Platão, Epicuro e Zenão, respectivos representantes das escolas relacionadas a engajamento, escapismo e utopianismo político: a ideia é, antes, mostrar como elas se relacionam, se influenciam, se criticam e se contrapõem. Esta pesquisa PUB-USP foi iniciada em 2020 e concluída em 2021. A partir do artigo será elaborado um vídeo com o objetivo de divulgar a pesquisa (PUB-USP/2021-2022) e despertar o interesse pela produção acadêmica nas áreas de estudos clássicos, língua e literatura grega, além de sua intersecção com outros campos, em especial filosofia e política, e com alguns temas contemporâneos, como crise e crítica da democracia, anti-intelectualismo, escravização, colonialismo, gênero e revolução. Link para o artigo: bit.ly/utopiasgregas. Referências: Geert Roskam. *A Commentary on Plutarch's De latenter vivendo*. Leuven: Leuven University Press, 2007. John Ferguson. *Utopias of the Classical World*. Ithaca: Cornell University Press, 1975. Peter Green. *Alexander to Actium: The Historical Evolution of the Hellenistic Age*. Berkeley: University of California Press, 1990.

Ítalo Durdson Xavier De Oliveira (comunicador), Marco Valério Classe Colonnelli (orientador), UFPB.

Paródia e efeito cômico nos Diálogos dos Deuses, de Luciano de Samósata

Este trabalho objetiva analisar como se configuram os conceitos de paródia e efeito cômico no texto *Diálogo dos Deuses*, de Luciano de Samósata, demonstrando também a recepção que este faz de Homero em seu texto. Para tanto, procuramos nos basear em textos teóricos sobre o conceito de paródia, a partir de Genette (2010), que compreende tal recurso literário como prática transtextual, bem como sobre o efeito cômico produzido pela paródia, debruçando-nos sobre o anônimo tratado sobre comédia, *Tractatus Coislinianus*, que por sua vez elenca os meios pelos quais é possível chegar ao riso. Dessa forma, procuramos tanto entender como Luciano, através da paródia, dialoga com o texto homérico (*Odisseia*, Canto VIII, vv. 266-327), mas também de que forma, a partir disso, o autor produz o efeito cômico no seu texto. Para além da análise de um corpus teórico, este trabalho também apresentará uma proposta de tradução do texto de Luciano, como também do texto homérico, a fim não só de realçar a conexão entre a paródia em si e o texto parodiado, mas também de contribuir as traduções dos textos de Luciano no campo dos estudos clássicos no Brasil.

Américo Carlos Da Rocha Jr. (comunicador), Marco Valério Classe Colonnelli (orientador), UFPB.

Paródia e efeito cômico nos Diálogo Marinhos, de Luciano de Samósata

Desde Homero, a comicidade é um expediente narrativo recorrente nos diversos gêneros da literatura grega antiga. A presença, na poesia épica, tanto de elementos trágicos quanto de cômicos nos permite traçar paralelos com obras posteriores que floresceram neste terreno fértil preparado por Homero já no séc. VIII a. C. A paródia é um desses elementos que estabelece estes paralelos. Segundo Genette (2010, pp. 28-29), a paródia, ainda que tenha muitas subclassificações, pode ser definida, de modo geral, como a transposição cômica de um gênero sério. Partindo dessa definição, é possível traçar as relações entre uma obra e sua versão parodiada. Nesse sentido, parte ou, pelo menos, trechos da obra de Luciano podem ser considerados paródias de passagens “sérias” homéricas. Assim, o segundo diálogo dos *Diálogos dos Deuses Marinhos*, de Luciano de Samósata, do séc. II d.C. pode ser considerado uma paródia de um episódio da *Odisseia*, de Homero. O diálogo Ciclope e Posêidon narra as consequências imediatas após o episódio na ilha dos Ciclopes (canto IX da *Odisseia*) na qual ocorre o famoso encontro entre Odisseu e Polifemo. Luciano, ao contrário do que se vê na *Odisseia*, dá voz a Polifemo, que, cegado e ofendido pelo herói, narra os acontecimentos à sua maneira. As mudanças de um texto para o outro aqui são sutis, mas os traços de um Polifemo homérico reverberam na paródia de Luciano, permitindo a identificação, a partir dessas semelhanças e também diferenças, da paródia e de seu efeito cômico. Com isso, tentar-se-á demonstrar os elementos da recepção paródica e dos efeitos cômicos neste diálogo em confronto com a passagem homérica.

15H50 – MESA 8: Tradução e Linguística (Moderador: Alex Mazzanti Jr)

Johnny Dotta (comunicador), José Marcos Mariani de Macedo (orientador), USP.

Elementos linguísticos e literários envolvidos no uso de dois termos de parentesco em grego

Esta pesquisa, desenvolvida com financiamento da FAPESP (Processo 2020/03249-3), visou à investigação etimológica, semântica, pragmática e literária de dois termos de parentesco em grego: *gambrós* e *pentherós*. O corpus foi constituído por todas as ocorrências literárias desses termos entre os séculos VIII e IV a.C. Depois de uma primeira etapa, sobre suas evoluções do protoindo-europeu ao grego, foi possível examinar seus significados nos períodos arcaico e clássico. Assim, um dos resultados da pesquisa foi uma delimitação mais clara e precisa de como se dá a distribuição dos sentidos de “genro”, “cunhado”, “sogra”, “noivo” e “parente afim” nos diversos autores que utilizam os dois termos, bem como o levantamento e a proposição de hipóteses a respeito do porquê essa distribuição semântica se deu de tal maneira. Cada um dos termos é mais bem delimitado em Homero e Heródoto, enquanto na lírica e na tragédia, ou eles têm sentidos específicos, ou se confundem. Foram identificados como fatores aí envolvidos etimologia popular, gênero literário, situação de performance, concorrência de outros termos etc., o que fez com que critérios previamente utilizados, como o dialetal, se mostrassem pouco precisos. Por fim, com essa distribuição semântica em mãos, foi possível buscar também os propósitos literários subjacentes ao uso desses termos, que não são neutros. A conclusão a que se chegou foi de que, quando se indica uma relação de parentesco por meio deles, aponta-se também para outros elementos envolvidos nessa relação, que variam a depender do gênero literário em questão. Em Homero, destaca-se o pertencimento do sujeito a um grupo; em Heródoto, as relações político-militares estabelecidas a partir do parentesco por afinidade; e, na lírica e na tragédia, o casamento em si, enquanto evento ou enquanto instituição.

Gustavo Henrique Carvalho Fagundes (comunicador), Daniel Rossi Nunes Lopes (orientador), USP.

*Senso e sistema fisiognomônico: estudo e tradução do tratado peripatético *Physiognōmonika**

No seio da Filosofia e da Medicina gregas a partir do século V a.C., emergem os fundamentos conceituais da discussão teórica da arte da fisiognomonia, sistematizada pioneiramente no círculo peripatético por Aristóteles, ao comentar o modelo lógico silogístico em *Analíticos Anteriores*, e em um tratado espúrio composto por duas partes, o *Physiognōmonika* (ca. III a. C.). Neste estudo acadêmico, estabeleceu-se o objetivo amplo de iniciar uma agenda de pesquisa sobre a fisiognomonia grega e seu legado, mediante o objetivo específico de conduzir um estudo introdutório e uma tradução do *Physiognōmonika* (Bekker, 1831). Por “pensamento fisiognomônico” compreende-se o interesse, teórico e não-teórico, por inferir as disposições interiores do ser humano (caráter, alma, natureza) através da análise de signos manifestos na exterioridade (forma corpórea, anatomia, voz e movimentos). Existem evidências antigas de que tal interesse, estando presente em sabedorias místicas de outras civilizações milenares, como a Mesopotâmia e a Índia, não nasceu na Grécia, mas encontrou nos preceitos paideuticos de proporção, harmonia e boa medida, um quadro conceitual favorável à sua sistematização mais influente na posteridade. Desde Homero, certo senso fisionômico não-teórico difundiu na Literatura e na Iconografia (Policleto) modelos anatômicos de deuses, heróis e homens comuns, enfatizando valores não visíveis, como excelência e nobreza, e seus opostos. A relevância do *Physiognōmonika* se constata no tratamento monográfico de material teórico e empírico sobre fisiognomonia, incluindo a introdução aos seus métodos zoomórfico, etnológico, patológico e filosófico, as

categorias e problematizações da seleção dos signos, e conceitos inéditos, como a noção de epipseia (impressão geral, congruência, evidência). Além do estudo introdutório e da tradução que propusemos, o material anatômico descritivo resultou, por sua substancialidade, em um glossário esquemático contendo 70 entradas de anatomia humana e seus respectivos predicativos. Espera-se que esses resultados contribuam para estudos fisiognômicos e temas análogos da Antiguidade Clássica e além.

Rodrigo Lima de Oliveira (comunicador), Breno Battistin Sebastiani (orientador), USP.
O modelo cosmológico estoico no tratado Os Céus, de Cleomedes.

Eternizado no campo da astronomia ao ter uma cratera lunar batizada com o seu nome, Cleomedes foi um filósofo estoico ativo por volta de 200 d.C. Pouco se sabe sobre a sua vida e sua única obra supérstite, *Os céus (Meteora)*, se tornou uma importante fonte sobre a física estoica grega, dado o estado fragmentário a que nos chegou a obra dos primeiros estoicos, em especial a obra de Posidônio. São dois os principais objetivos do projeto: em primeiro lugar traduzir os trechos selecionados do livro I do *Meteora* de Cleomedes (capítulos 1, 5, 6 e 7, os quais tratam da representação estoica dos cosmos cercado por um vazio infinito, a sua forma esférica e a posição central da Terra neste modelo, o seu tamanho e a sua circunferência) para a língua portuguesa. Não há, ainda, uma tradução do texto para a língua portuguesa. Em segundo lugar, pretendemos desenvolver um estudo introdutório da obra contextualizando-a historicamente e mostrando as relações que estabelece com as doutrinas dos primeiros estoicos e com o modelo cosmológico de Aristóteles. Para a tradução, será utilizada como base o texto da edição crítica do tratado de Cleomedes (Todd, 1990), e a introdução e notas da primeira tradução do tratado para a língua inglesa (Bowen & Todd, 2004). Para o estudo introdutório e contextualização, é fundamental recorrer a fontes que chegaram até nós sobre a física estoica, Diógenes Laércio VII e os fragmentos de Posidônio; e, sobre a cosmologia helenística, Aristóteles (*Do céu, Física, Meteorologia*) e Ptolomeu (*Almagesto*).

Gaya de Castro Cunha (comunicadora), Fernando Rodrigues Junior (orientador), USP.
Tudo é retórica: notas sobre a tradução de peri synteseos onomaton, de Dionísio de Halicarnasso

Peri synteseos onomaton, de Dionísio de Halicarnasso, é um texto que faz parte de um conjunto de tratados retóricos que compõem o que alguns teóricos chamam de crítica literária antiga. Nele, Dionísio analisa e compara determinados trechos de enunciados de poetas, filósofos, historiadores e oradores, tais como Homero, Platão, Heródoto e Demóstenes para mostrar a importância da combinação das palavras na efetividade do discurso. Em minha Iniciação Científica, sob orientação do professor Fernando Rodrigues Junior, comecei uma tradução desse texto para o português. Compartilharei algumas notas sobre essa tradução em minha fala.